

## O Cassungússu

Já pensei alto mais de uma vez que é assim, uma repetição de imagens na nossa memória. Algumas passam rápido, qual relâmpago numa tempestade. Já outras são mais vagarosas, quiçá corroborando com a idade, que dá tempo de a gente rememorar-las. Essa agora, da leitura direta para fazer o bem a outra pessoa, por exemplo. Você sabe ler, você lê a história para quem não sabe. Está aqui, ó, faz bem uma semana.

Para nós, que somos alfabetizados, custa entender que existem pessoas incapazes de ler uma só palavra. Nós detonamos tudo que pulula à frente dos olhos: placas, faixas, jornais, livros... E ainda por cima exercemos nosso senso crítico para distinguir o que é bom e o que é ruim. Na nossa ótica, claro. As pessoas a quem não foi dada a leitura, olham tudo que existe na cidade e não diferenciam. Mas não é isso que está na minha cachola para repartir. É o hábito de ler para idosos e para crianças. Contar histórias já escritas para os filhos, indo direto.

Se eu tive esse hábito para com minhas filhas? Hehehe! Vou deixar o leitor pensando que sim. E olha que eu gosto de ler, e leio. Leio atas, placas, jornais, livros de fácil assimilação da história, comentários no facebook... Eis que não entendo porque minha caçula saiu uma leitora de primeira grandeza. Sim, seu maior presente sempre foi acessar, com as mãos, livro por livro, a série Harry Potter, que era devorado como se não existisse amanhã. E olha que são sete livros, dessa grossura! Lê-los já é bastante. Imagina reler. E se o leitor aqui conhece a obra e está pasmo pela devoção dela à leitura, ainda não viu nada. Ela acaba de adquirir a obra completa, de uma só vez, – em inglês! E vai lembrar as histórias, agora, originais.

Eu não fui um pai leitor, mas os meus foram. Digo mal, porque mamãe era analfabeta. Ela não teve acesso a essa riqueza, mas contava histórias aos filhos, quando bem pequenos. A da Bela Adormecida, da Cinderela e do Gato de Botas eu ouvi dela. De onde tirou, onde ouviu, eu não sei. Mas a história dela era verdadeira, com roteiros iguaizinhos aos dos livros. Já o meu pai assinava o nome e lia. Lia do jeito dele, e os livros aos quais teve acesso, e leu para o meu deleite, eram de literatura de cordel (*O macaco com a raposa/ Viviam um pouco intrigados/ Devido que no passado/ Tinham sido namorados/ Agora macaco e onça/ Andavam muito chegados*). Histórias em versos rimados, cujas peleias entre as personagens me fogem à memória.

Uma história, e só uma, ficou no arquivo memorial e não digo que é a história, mas um personagem. E por que? Por causa da chiqueza com que meu pai o chamava: cassungússu. Não foi uma vez só que o seu Zé Pedro me leu “O casamento do macaco com a onça”. Para uma criança que não tinha internet, talvez seja fácil ao leitor imaginar que uma história com esse título fosse intrigante. Ooonça! Onça é predadora. Como é que um macaco vai se casar com uma onça? Como? O enredo já me escapou. O que ficou aqui, e não sai, foi o fabuloso cassungússu. Ela era um animal terrível! O macaco só não foi comido por ela porque, sabe como é, macaco é macaco.

Caso alguém tenha curiosidade, como eu tive após ser alfabetizado, em conhecer as proezas do tal cassungússu, é só ler a obra de 34 páginas. E provavelmente vai ficar decepcionado ao descobrir que o tal animal, de nome pomposo, não existe na fauna. Esse era o apelido pelo qual meu pai chamava a onça canguçu da história.